

**A DIVULGAÇÃO DO ACERVO PNBE 2008 EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE
CAXIAS DO SUL**

Nathalie Vieira Neves¹

Prof. Dra. Flávia Brocchetto Ramos²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo promover a reflexão sobre o recebimento e as estratégias de divulgação do acervo do PNBE/2008 (Programa Nacional Biblioteca na Escola) nas escolas municipais de Caxias do Sul. Os dados foram discutidos a partir da base de dados do CEALE/FaE/UFMG, de textos oficiais disponíveis no site do Programa e por apontamento teóricos de Regina Zilberman, Edgar Morin, Reuven Feuerstein e Carol Kuhlthau, os quais discorrem sobre a importância da literatura e da mediação da leitura para o desenvolvimento humano. Para a análise, foram observados questionários escritos, respondidos por 70 escolas, com questões acerca da incorporação e da divulgação do acervo recebido e da realização de atividades específicas com essas obras. Os resultados indicam que a maior parte das escolas divulgou o acervo recebido durante a hora do conto/da leitura (31,82%) e através de exposição na biblioteca e/ou sala dos professores (25,75%). Entretanto, pôde-se perceber uma relativa falta de articulação entre as atividades escolares e a chegada do acervo, o que ressalta a importância da divulgação a toda a comunidade escolar e da integração entre os diversos mediadores de leitura para a formação de leitores autônomos.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Mediação de leitura. Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE).

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2002, da população brasileira com mais de 15 anos, cerca de 11% não era alfabetizada e 26% tinha menos de 4 anos de escolaridade, o que oficialmente caracteriza o analfabetismo funcional (2009). Diante da gravidade dos indicadores educacionais e socioeconômicos brasileiros, torna-se necessário pensar em estratégias para a democratização do acesso à informação e à literatura, visando à inclusão social e à formação de leitores autônomos, capazes de atuar de maneira crítica e ética na sociedade.

Mas por que o acesso à literatura é importante para transformações pessoais e sociais? Segundo Candido (1995), a literatura é um conhecimento indispensável aos seres humanos, ao fornecer a possibilidade de se viver dialeticamente problemas, além de ordenar nossa mente e sentimentos e de focalizar situações de negação dos direitos humanos, nos tornando “mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 1995, p. 249).

Outra justificativa para a literatura na vida do Homem vem do pensador francês Edgar Morin. Ao problematizar a fragmentação do saber e a razão acrítica, Morin propõe a literatura como uma forma de informação, conhecimento e sabedoria, capaz de proporcionar uma visão complexa da condição humana, afinal “uma única obra literária encerra um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética...” (MATHIS apud MORIN, 2008, p. 49). Nesse sentido, Morin afirma:

Literatura, poesia, cinema, psicologia, filosofia, deveriam convergir para tornarem-se escolas da compreensão. A ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada [...] (MORIN, 2008, p. 51)

Ainda nessa linha de pensamento, de acordo com Regina Zilberman, a criação artística, além de permitir o discernimento e o posicionamento diante da realidade, visa a “uma interpretação da existência que conduza o ser humano a uma compreensão mais ampla e eficaz de seu universo, qualquer que seja sua idade ou situação intelectual, emotiva e social.” (ZILBERMAN, 1998, p. 40). Já

Vera Aguiar (2007, p. 37) garante que a excepcionalidade da experiência estética da literatura nasce do choque entre o confortável conhecido, que nos provoca identificação, e o estranho desconhecido, que nos mostra formas alternativas de estar no mundo.

Literatura produz reflexão e, nesse sentido, Alberto Manguel (1997, p. 24-28), argumenta que a palavra artística é capaz de promover identificação do leitor com as personagens, já que os livros são como autobiografias para os leitores. Ler é também antecipar vivências, experimentar situações, o que, em muitos casos, abre portas para o amadurecimento e para a lucidez.

Conforme Aguiar (2001, p. 58), “o contato com a literatura é importante para o desenvolvimento da personalidade, no que diz respeito ao crescimento intelectual e afetivo da criança” e podemos acrescentar do leitor de um modo geral, independente da sua idade. Dessa forma, a literatura é extremamente importante para a formação humana em todos os períodos da vida, ao incentivar a percepção estética e ética, além de contribuir para promover a emancipação existencial, uma das funções da arte.

A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA

Segundo Reuven Feuerstein (Apud TURRA, 2007, p. 300), a aprendizagem significativa pressupõe a dupla mediador-mediado. O mediador é alguém que avalia e seleciona estratégias, que organiza, interpreta e elabora as experiências. Num ambiente de reciprocidade, o mediador provoca curiosidade, mostra envolvimento e interesse, estimula a significação, a abstração e a reflexão, promove o compartilhamento e o respeito aos diversos pontos de vista, incentiva a mudança e a participação ativa, ou seja, proporciona uma atmosfera estimulante e favorável ao desenvolvimento cognitivo (p. 304-305). Feuerstein enfatiza o conhecimento como construção em movimento, e a mediação como meio de reorganização das funções cognitivas, operacionalização de várias fontes de informação e redimensionamento de formas de convívio social, afetivo e cultural. (TURRA, 2007, p. 307).

Nesse contexto, a leitura literária, por ser um ato de comunicação, também exige mediação, especialmente na infância e na adolescência. Ou seja, pressupõe um mediador, que incentive e oriente a vivência reflexiva do texto, de modo que a leitura é concebida e mais vivida como uma experiência. Afinal, “[...] os estímulos do meio social e cultural provocam o amadurecimento do sujeito leitor” (AGUIAR, 2001, p. 136). Esses mediadores de leitura podem ser oriundos dos mais diferentes ambientes (família, vizinhança, bibliotecas públicas, organizações não-governamentais), mas encontram na escola um meio bastante especial para o letramento literário. Assim, identificamos:

[...] como mediadores de leitura os familiares, os professores, os bibliotecários, os editores, os críticos literários, os redatores, os livreiros e até os amigos que nos emprestam um livro. Porém, os mediadores que mais se destacam são os familiares, os professores e os bibliotecários. (BORTOLIN, 2001, p. 1)

Em relação às ações da biblioteca escolar, Carol Kuhlthau enfatiza a importância da Hora do Conto³ para o envolvimento das crianças com narrativas, uma vez que “a leitura de histórias é semelhante à dramatização, na medida em que estimula a imaginação do ouvinte” (KUHLTHAU, 2002, p. 50). Já Marly Amarilha ressalta a importância da Hora do Conto para familiarizar a criança com a escrita e com as estruturas literárias, a fim de contribuir para o desenvolvimento da imaginação e instigar o leitor a novas leituras. Nesse contexto, “[...] a oralização tem a finalidade de enriquecer a bagagem antecipatória do leitor, buscando familiarizá-lo com as estratégias da narrativa, por conseguinte, com as convenções da escrita” (AMARILHA, 1997, p. 22).

A Hora do Conto pode ser vista como um período em que ocorre o incentivo à leitura, já que “crianças de todas as faixas etárias procuram para empréstimo os livros das histórias lidas ou contadas em sala de aula” (AMARILHA, 1997, p. 22). Carol Kuhlthau ainda destaca a importância do aconchego da biblioteca escolar e das atividades reflexivas acerca da leitura/narração de histórias realizada, como as discussões formais e informais, que incentivam a análise e a interpretação. As atividades relacionadas à leitura têm duas finalidades pontuais que são “[...] levar as crianças a entender os

significados das histórias [...] e incentivá-las a relacionar os significados com suas próprias experiências.” (KUHLTHAU, 2002, p. 51)

Ainda de acordo com Kuhlthau, é necessária articulação entre os diversos mediadores para a realização de atividades integradas, especialmente entre o professor e o bibliotecário (ou professor que atua na biblioteca), os principais mediadores de leitura do espaço escolar. A autora destaca que o responsável pela biblioteca deve conhecer as habilidades de leituras de cada leitor que frequenta o espaço e ainda conhecer bem o acervo da biblioteca (2002, p. 83).

Olga Pombo (POMBO, S/D), filósofa portuguesa, questiona: que sentido teria uma escola sem biblioteca? Afinal, a biblioteca é um espaço que possibilitaria ao aluno perceber a diversidade de saberes e de pontos de vista, além dos múltiplos esforços em compreender o mundo ao longo da história da Humanidade. Contudo, para a biblioteca cumprir sua função educativa, não basta ao professor apenas indicá-la, é necessário ensinar os alunos a usá-la, indicando as possibilidades dos acervos dos mais diversos suportes e naturezas (incluindo a Literatura). Dessa forma, a biblioteca pode se converter num ambiente de autonomia de aprendizagem e de mediação da leitura literária como também de outros saberes já produzidos no decorrer da história da humanidade.

Assim, através da mediação da leitura literária, almeja-se a formação de sujeitos leitores capazes de, entre outras características, buscar textos segundo seu horizonte de expectativas, dialogar com novos textos e se posicionar criticamente diante deles, trocar informações e impressões com outros leitores e ter consciência de seu crescimento como leitor e ser humano. (AGUIAR, 2001, p. 155-6).

Retomando Candido, afirmamos que a leitura da literatura é, pois, um direito do ser humano, o qual pode provocar transformações pessoais e sociais. No entanto, como efetivar a formação de leitores se no Brasil o custo dos livros é alto e se as bibliotecas escolares em geral possuem acervos restritos e desatualizados?

O QUE É O PNBE?

Talvez o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) seja uma estratégia eficiente para amenizar a problemática relativa à ausência de livros de qualidade nas escolas. Criado em 1997, com o objetivo de incentivar a leitura e de democratizar o acesso aos livros nas bibliotecas escolares brasileiras, esse programa é executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) em parceria com a Secretaria da Educação Básica do Ministério da Educação (MEC). Consiste na aquisição e distribuição de obras de literatura e de referência às escolas públicas de Educação Infantil (EI), Ensino Fundamental (EF) – anos iniciais e anos finais - e, a partir de 2008, também Ensino Médio (EM).

No ano de 2008, segundo o MEC, o PNBE disponibilizou, para o EF, cinco acervos com 20 títulos cada, com obras em verso (poemas, quadras, parlendas, cantigas, trava-línguas, adivinhas), em prosa (pequenas histórias, novelas, contos, crônicas, textos de dramaturgia, memórias, biografias), livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos (entre eles clássicos da literatura universal adaptados a esse público). O acervo da EI é constituído por obras dos mesmos gêneros que o do Fundamental – Anos Iniciais. Em 2009, o PNBE fornece acervos formados por obras de literatura brasileira e universal aos anos finais do EF e ao EM.

De acordo com Aparecida Paiva (2009), atual responsável por coordenar a seleção dos títulos que compõem o PNBE, participam da escolha das obras 72 avaliadores (mestres ou doutores), vinculados a instituições de ensino superior (preferencialmente públicas) de 14 estados brasileiros, agrupados em quatro sub-coordenações, submetidas a uma coordenação geral e consultoria. A decisão final sobre os acervos cabe a um colegiado composto por 12 representantes de cinco núcleos de pesquisa e pós-graduação na área de literatura e educação, além de técnicos do MEC.

Os critérios de distribuição do acervo obedecem à quantidade de alunos matriculados. Em 2008, escolas infantis com até 150 alunos receberam 1 acervo; com até 300 alunos, 2 acervos; e as com mais de 301 alunos receberam 3 acervos. Escolas de EF com até 250 alunos receberam 1 acervo; com até 500 alunos, 2 acervos; com até 750 alunos, 3 acervos; com até 1000

alunos, 4 acervos; e as escolas com mais de 1001 alunos receberam 5 acervos. No EM, escolas com até 500 alunos receberam 1 acervo com 139 obras; com até 1000 alunos, 2 acervos; e as escolas com mais de 1001 alunos, 3 acervos. Entretanto, a partir dos números apontados acima, constata-se que o número de exemplares ainda é muito reduzido em relação à demanda necessária para promover ações de leitura literária nas escolas.

O ACERVO NAS ESCOLAS DE CAXIAS

Para o presente estudo, foram investigadas 70 das 89 escolas de Ensino Fundamental da rede municipal de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, em 2008, sendo 28 delas situadas em distritos ou regiões administrativas do município. Para tal, foi proposto um questionário escrito, entregue aos diretores pela Secretaria Municipal de Educação, solicitando, além dos dados de identificação (nome da escola, professor responsável pelas informações, telefone e e-mail), as seguintes questões:

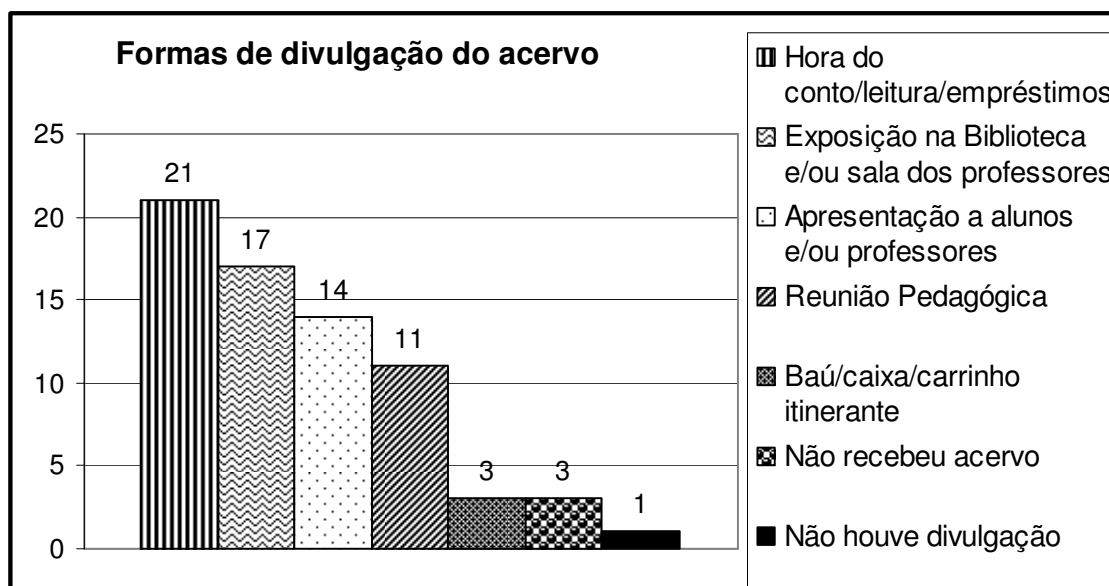
- 1) número de alunos na educação infantil;
- 2) número de alunos nos anos iniciais;
- 3) acervos recebidos pela escola;
- 4a) modos de incorporação do material já existente na biblioteca.
- 4b) formas empregadas para divulgação do acervo. (caso tenha ocorrido divulgação).
- 4c) trabalho específico com o acervo pela professora da biblioteca ou por algum docente da escola. Em caso positivo, informar o nome do docente envolvido e fazer uma breve síntese da proposta.

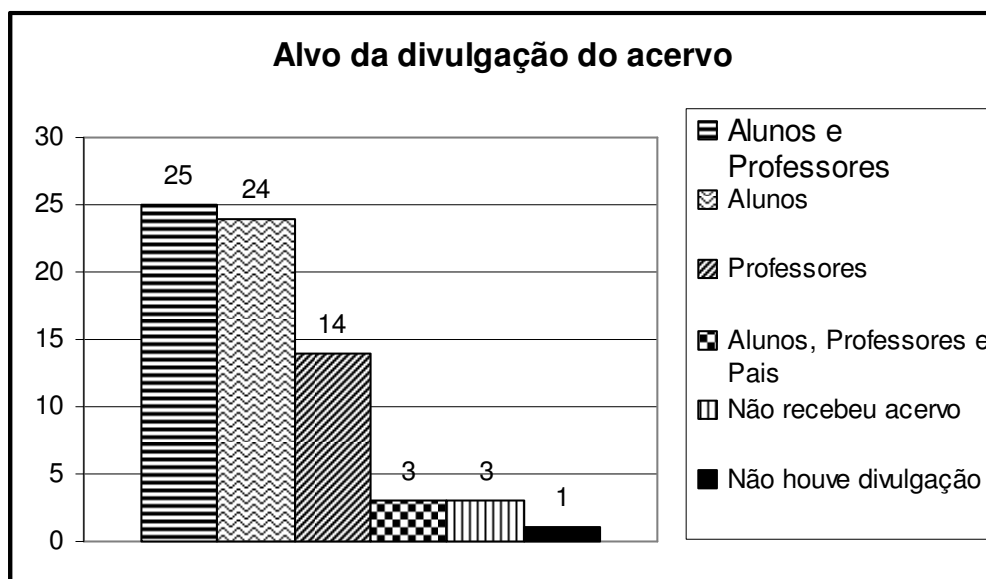
O número de alunos em cada escola oscilou até 102 na educação infantil e até 498 nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Segundo as respostas dos questionários das 70 escolas, foram recebidos 91 acervos do PNBE 2008. Ainda segundo os questionários, 3 estabelecimentos não receberam nenhum acervo, 46 escolas receberam 1 acervo, 17 receberam 2 acervos, 2 receberam 3 acervos e 1 afirmou ter recebido todos os 5 acervos.

Quanto à incorporação dos livros recebidos ao material já existente, a maior parte das escolas informou que as obras foram registradas e, após,

deixadas à disposição da comunidade escolar para empréstimos. Algumas escolas informaram que o material foi organizado em prateleiras diferenciadas, por serem acervo novo (3 escolas) ou por serem de literatura infantil / infanto-juvenil (4 escolas), ou ainda foram distribuídos em caixas ou baús de leitura itinerantes (7 escolas). Quinze escolas não mencionaram empréstimos das obras ou informaram que alguns dos livros recebidos não foram disponibilizados para empréstimos, sendo somente utilizados para consulta docente ou usado na Hora da Leitura⁴.

Entre as escolas que receberam algum acervo, 21 escolas informaram que divulgaram o acervo recebido através de Hora do Conto, Hora da Leitura ou empréstimo semanal; em 17 escolas, o acervo foi divulgado através de exposição na biblioteca ou na sala dos professores e em 11 escolas, em reunião pedagógica. Três estabelecimentos organizaram baús ou caixas itinerantes de leitura, uma escola afirmou não ter feito divulgação e 14 escolas não especificaram a forma de divulgação, mencionando apenas apresentação ou demonstração aos alunos e/ou professores.





Analisando as estratégias de difusão do acervo recebido, percebe-se que alunos e professores foram o principal alvo de divulgação em 25 escolas, enquanto em 24 escolas o enfoque foi somente alunos e em 14, somente professores. Três escolas estenderam a divulgação para os pais, além dos alunos e professores, e uma informou que a docente que atua na biblioteca precisou fazer uma lista de espera para empréstimo devido ao interesse dos alunos.

Quanto ao trabalho específico realizado com o acervo, as estratégias variaram entre Hora do Conto/Leitura, caixas de leitura, discussão coletiva, abordagem temática (explicitada como abordagem de aspectos geográficos, folclóricos, culturais, psicológicos e morais presente nos textos), releitura/paródia, produção de texto, preenchimento de fichas de leitura, criação de desenhos e fantoches com personagens, dramatização de enredos pelos alunos e abordagem de conteúdos curriculares (classificação dos animais, multiplicação, movimentos da Terra, tipologias textuais, datas comemorativas). Dezesesseis escolas responderam que não houve trabalho específico com o acervo.

CONCLUSÕES

A partir dos pressupostos teóricos mencionados anteriormente sobre a natureza da literatura e sobre a mediação de leitura literária, infere-se que

possivelmente as estratégias mais eficazes de divulgação sejam aquelas que abrangem tanto alunos quanto professores e familiares. A divulgação aos alunos torna-se importante na medida em que desperta o interesse e a curiosidade em relação ao acervo recebido, enquanto a apresentação das obras aos professores possibilita o planejamento e a articulação de atividades e leituras orientadas. Já os familiares podem se tornar importantes aliados dos estudantes na consolidação do gosto pela leitura, além de reforçar os laços da escola com a comunidade.

As estratégias de exposição na biblioteca e criação de baús itinerantes são bastante relevantes, uma vez que estimulam o contato físico com a obra. Ou seja, o contato com as capas, as ilustrações, as texturas, os diversos formatos, os diferentes sons (no caso da contação de histórias), contribui para a entrada no universo simbólico apresentado pela palavra e ilustração que conduz a ativação dos sentidos e a percepção estética.

Assim, as estratégias mencionadas pelas escolas entrevistadas apresentam um grande potencial de incentivo à leitura, entretanto não é evidenciada articulação entre os diferentes mediadores de leitura. Se há apenas divulgação entre alunos, como os professores poderão planejar atividades com o acervo? E se a divulgação ocorre apenas entre professores, como incentivar a autonomia de escolha dos alunos? Daí a necessidade de divulgação para toda a comunidade escolar e a importância da integração entre o trabalho do professor das turmas e daquele que atua na biblioteca. Uma vez que muitas escolas possuem recursos humanos e financeiros escassos, pode-se constatar também a necessidade de articulação entre os diversos governos (federal, estaduais e municipais), a fim de planejar formas de capacitação profissional que auxiliem a construção de estratégias eficientes, nesse caso, para a leitura literária.

Quanto ao trabalho específico realizado com o acervo, deduz-se que as atividades de preenchimento de ficha de leitura tradicional e a abordagem curricular não sejam as mais adequadas para este tipo de acervo disponibilizado, já que podem negar as particularidades do texto literário, submetendo a literatura a fins meramente pedagógicos ou moralizantes. Estratégias como Hora do Conto, discussão coletiva e abordagem temática, por

exemplo, parecem respeitar a especificidade do texto literário, além de promover a reflexão acerca da realidade representada nas obras.

É louvável a existência de uma política pública, como essa, de iniciativa do Governo Federal, que encaminha às escolas obras de qualidade literária como as que compõem os acervos do PNBE. No entanto, aponta-se que a quantidade de textos recebidos é muito reduzida e ainda sugere-se a necessidade de uma ação efetiva de formação de mediadores de leitura, abrangendo os diversos profissionais da Educação. Dessa forma, acredita-se que será possível propiciar leitura literária, leitura como uma experiência de formação, e não leitura como pretexto para depreender aspectos que não estejam ligados ao universo simbólico da literatura.

THE DISCLOSURE OF PNBE 2008'S DIGEST IN MUNICIPAL SCHOOLS OF CAXIAS DO SUL

ABSTRACT

This article aims promoting the reflection about the reception and the strategies of the disclosure of PNBE 2008's digest (Programa Nacional Biblioteca na Escola – National Program Library at School) in municipal schools of Caxias do Sul. The data was discussed from the data base of CEALE/FaE/UFMG and official documents available at the Program's website and theoretical support of Regina Zilberman, Edgar Morin, Reuven Feuerstein and Carol Kuhlthau, who discuss the importance of literature and reading mediation for the human development. For the analysis, written questionnaires were observed, which were answered by 70 schools, regarding questions about the incorporation and the disclosure of the received materials, and also about the implementation of specific activities with these books. The results show that the majority of schools has disclosed the collection during the "reading time" (31,82%) and through the exposition at the library and/or at the teacher's room (25,75%). However, it was realized that there was such a lack of association between the school activities and the digest's arrival, which stresses the

importance of this disclosure for all school community and the integration among different reading mediators to the formation of autonomous readers.

Keywords: School Library. Reading mediation. Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE).

NOTAS

- ¹ *Graduanda em Licenciatura Plena em Letras na UCS (Universidade de Caxias do Sul). Bolsista BIC/FAPERGS do Projeto de Pesquisa "Educação, linguagem e práticas leitoras", da UCS.*
- ² *Doutora em Letras na PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Docente do PPGEd, na UCS, e do PPGL, na UNISC.*
- ³ Hora do conto, Hora da leitura ou Contação de Histórias são denominações distintas a um mesmo momento que geralmente ocorre nas dependências da biblioteca escolar com estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Durante esse período de tempo, um mediador (professor da classe ou professor-bibliotecário) narra e dramatiza uma história, de maneira expressiva, e pode, na sequência, propor atividades relativas ao texto ouvido. Há também a situação em que os estudantes vão à biblioteca e apenas leem.
- ⁴ Geralmente em Caxias do Sul Hora da Leitura é uma modalidade de Hora do Conto em que o professor lê um texto e depois propõe atividades acerca dessa narrativa, ou simplesmente um momento em que os alunos vão à Biblioteca e folheiam/leem livremente, sem orientação. Em algumas situações é também confundida com o momento do empréstimo

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. 186 p.

_____. Leitura e conhecimento. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 26-41, dez. 2007.

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica*. Prefácio de Eliana Yunes. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 93 p.

BORTOLIN, Sueli. A quem cabe mediar leitura? Campinas, 13º COLE, 2001. Disponível em: www.mundoquele.ofaj.com.br/Textos/Texto4.doc Data de Acesso: 04/02/2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. 358 p. (p. 235-263)

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Biblioteca da Escola. [S.I.]: FNDE, 2009. Disponível em: http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html Data de acesso: 04/02/2009.

GARCEZ, Lucilia H. C. A leitura compartilhada na hora do conto. In: VIANNA, Márcia M., CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor H. V. *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 49-59.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Educação no Brasil. [S.I.], IBGE, -. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/educacao.html> Data de acesso: 30/01/2009.

KUHLTHAU, Carol. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para a pré-escola e ensino fundamental*. Trad. e adap. Por Bernadete Campello et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 303 p.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 408 p.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. 93 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. A Política de Formação de Leitores e o PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola. [S.I.], MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=3711> Data de acesso: 04/02/2009.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. de Eloá Jacobina. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 128 p.

PAIVA, Aparecida. In: BONINO, Rachel. *Onomatopéia, imagem, ação*. Revista Educação. Ano 12 – nº 144. Abril de 2009. Disponível em: <http://revistaeducacao.locaweb.com.br/textos.asp?codigo=12663> . Data de Acesso: 21/07/2009.

POMBO, Olga. *Museu e Biblioteca: a “alma” da Escola*. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/cadernos/museubib/index.htm> , Data de acesso: 13-4-2009.

TURRA, Neide Catarina. Reuven Feuerstein: experiência de aprendizagem mediada – um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural. *Educere et educare*, Cascavel, vol. 2, n. 4, p. 297-310, jul/dez. 2007.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 10ª ed. São Paulo: Global, 1998. 118 p.